

O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA/PROEJA)

Carla Adriane Ritterⁱ

Resumo: O desenvolvimento tecnológico tem gerado transformações profundas no modo de pensar, aprender, agir e interagir. Em contrapartida, no âmbito profissional, as condições geradas por essas transformações requisitam um perfil profissional que se adapte a novas condições, mas que também solucione problemas e crie possibilidades a partir das ferramentas que lhe são disponibilizadas. É nesse processo que cabe à educação institucionalizada uma revisão dos paradigmas que personalizam o ensino oferecido, observando sua capacidade de oferecer uma formação que estimule a autonomia e o espírito de cidadania, a consciência planetária e o desenvolvimento sustentável dos países. Considerando as demandas do campo educacional, esta pesquisa teve como objetivo analisar o processo de inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), estimulado por docentes que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA/PROEJA) de São Miguel do Oeste. Com apoio da pesquisa exploratória e das abordagens quantitativa e qualitativa, a coleta de dados foi realizada por meio de um questionário aplicado a profissionais que atuam nessa modalidade de ensino. Os resultados indicam que os docentes utilizam razoavelmente os computadores das escolas com seus alunos, sendo que entre as limitações para ampliar esse processo situam a baixa capacidade da Internet, além das dificuldades de utilizar adequadamente as ferramentas para fomentar a aprendizagem, apesar de considerar que existe uma colaboração efetiva dos profissionais de informática que atuam nos laboratórios.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Tecnologias de Informação e Comunicação. Docência.

Introdução

Com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), ampliando o acesso e a veiculação da informação em todos os setores da sociedade e as possibilidades para o atendimento das demandas educacionais, sociais, culturais, ambientais e econômicas, percebe-se a importância de adequar as escolas a novos paradigmas em relação ao âmbito educacional. O momento pelo qual estamos passando não nos permite ficar apenas discutindo sobre adotar ou não o computador e outros recursos tecnológicos na escola, pois a informática já está integrada à vida dos estudantes.

Essa inserção cada vez mais intensa de diferentes recursos tecnológicos na vida social, oferece um acesso sem precedentes às informações, influenciando na forma de perceber e viver a realidade. Sacristán e Gómez (1996) destacam que as informações acessadas, mesmo que se constituam por fragmentos recebidos desconectadamente, são capazes de criar,

sutilmente e imperceptivelmente, arraigadas concepções ideológicas, que são utilizadas para explicar e interpretar a realidade e tomar decisões sobre formas de reagir e intervir.

Essa é uma dinâmica que se processa com mais intensidade, especialmente, a partir da última década do século XX, quando a Internet passou a se tornar acessível, confirmando a previsão de Lévy (1998, p. 29) que “Já no começo do século XXI, as crianças aprenderão a ler e escrever com máquinas editoras de texto. Saberão servir-se dos computadores como ferramentas para produzir sons e imagens. Gerirão seus recursos audiovisuais com o computador, pilotarão robôs [...]”. É nesse ínterim que “O uso dos computadores no ensino prepara mesmo para uma nova cultura informatizada.”, afirma o autor.

Kalinke (1999, p. 15) referencia essa realidade quando menciona que os avanços tecnológicos são utilizados nos mais variados ramos do conhecimento, que incorporam e fomentam descobertas geradas com rapidez e que são disponibilizadas em uma “[...] uma velocidade nunca antes imaginada.” São canais de televisão a cabo e aberta, recursos de multimídia e outros recursos disponíveis à sociedade, que fazem que os estudantes “[...] estejam cada vez mais informados, atualizados e participantes deste mundo globalizado.”

Não é incomum que nas instituições educativas atuais sejam encontrados aparelhos de DVD, computadores, projetor multimídia, programas, acesso à Internet e outras ferramentas tecnológicas que oportunizam conectar e discutir diversos assuntos, auxiliando em pesquisas e na ampliação das relações. Essas ferramentas, contudo, não são capazes de qualificar os processos de ensino e de aprendizagem se a inserção não for acompanhada por programas formativos e pela reorganização curricular. Ou seja, é incompreensível inserir recursos contemporâneos nas escolas e seguir utilizando paradigmas educacionais de séculos passados.

Considerando essa realidade, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa, cujo objetivo consiste na análise do processo de inserção das TIC, estimulado por docentes que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA – PROEJA) de São Miguel do Oeste, observando, nesse processo, sua relevância como recurso pedagógico. Utilizando a pesquisa exploratória e as abordagens quantitativa e qualitativa, o estudo possibilitou coletar dados de caracterização do contexto e em relação à forma de utilização dos recursos tecnológicos disponíveis. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário com professores que atuam diretamente com alunos da EJA e PROEJA, buscando observar se os professores estão usando as mídias em suas aulas como forma a ampliar o conhecimento de seus alunos.

Espera-se que este estudo, além de contribuir para avaliar a inserção das TIC na EJA e PROEJA, estimule que sejam construídas possibilidades para o atendimento das necessidades dos estudantes e as demandas do entorno em que se inserem. A realidade local/mundial está

em permanente transformação, por isso, o contexto escolar precisa avançar e, em alguns casos, se antecipar às mudanças para que as tecnologias sejam usadas em benefício do bem-estar das pessoas, da sociedade em geral e do meio ambiente.

A inserção das TIC no contexto educacional

Ao analisar resultados dos avanços tecnológicos, Moran (1997, p. 146) registrou que sua utilização estava contribuindo para que a distância entre as pessoas assumisse quatro perspectivas: “[...] a econômica (ricos e pobres), a cultural (acesso efetivo pela educação continuada), a ideológica (diferentes formas de pensar e sentir) e a tecnológica (acesso e domínio ou não das tecnologias de comunicação).” Passada meia década, Dantas (2005) registrou que cabia aos docentes utilizar as TIC para construir e difundir conhecimentos, estimulando uma mudança paradigmática, com base nos processos de criação, gestão e regulação das situações de aprendizagem.

Por outro lado, enquanto Corrêa (2010) afirmava que a necessidade de inserção das TIC no contexto educacional era uma condição superada e que o problema residia na forma de utilizar os recursos disponíveis, praticamente dez anos antes, Moraes (1997, p. 53) indicava que “[...] o simples acesso à tecnologia, em si, não é o aspecto mais importante, mas sim, a criação de novos ambientes de aprendizagem e de novas dinâmicas sociais a partir do uso dessas novas ferramentas.”

Um ano depois das considerações de Moraes, os Parâmetros Curriculares Nacionais indicavam a necessidade de “[...] desenvolvimento de trabalhos que contemplem o uso das tecnologias da comunicação e da informação, para que todos, alunos e professores, possam delas se apropriar e participar, bem como criticá-las e/ou delas usufruir’.” (BRASIL, 1998, p. 11). Logo depois, Mercado (1999) destacava que não seria suficiente dotar as escolas tecnologicamente, sem implicar a formação docente para usufruir dos potenciais que elas oferecem e Moran (2000, p. 23) pontuava que “Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial.”

A década seguinte inicia com mais orientações sobre a inserção das TIC no contexto educacional amparada pelos documentos sistematizados pelo Ministério da Educação (MEC). Trata-se das Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação

Básica em Nível Superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Neste documento se indica que “A organização curricular de cada instituição observará além do disposto nos artigos 12 e 13 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, outras formas de orientação inerentes à formação para a atividade docente [...]” enfatizando que entre elas consta o preparo para “[...] o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores.” (BRASIL, 2002, p. 4).

As considerações aqui compiladas comprovam que a inserção das TIC na educação tem sido acompanhada por preocupações sobre as intencionalidades que permeiam seu uso e a necessidade do docente ter acesso à formação, bem como fomentar o uso por meio de referenciais que superam o paradigma tradicional. É nesse ínterim que vão sendo definidas estratégias para a inserção tecnológica e avaliados os impactos decorrentes.

Entre as vantagens da inserção das tecnológicas na educação, Costa (2011) seleciona alguns aspectos que justificam o uso da Internet:

- o acesso a informações atuais e temas diversos, documentos, fotos e imagens e notícias relacionadas às condições climáticas e estatísticas populacionais;
- o acesso a subsídios para realização dos trabalhos de casa, por meio de consultas em materiais virtuais, contato com especialistas e troca de informações com outros estudantes;
- o domínio de mecanismos de acesso a informações desejadas, solucionar problemas, comunicar e se apropriar de competências cada vez mais exigidas no mercado de trabalho;
- a ampliação das capacidades de leitura pelo acesso a conteúdos interessantes, motivando o acesso a outras fontes.

Existe, portanto, uma série de possibilidades a serem exploradas pelos docentes. Consolidá-las, contudo, depende de aspectos que ultrapassam a simples disponibilização dos recursos tecnológicos no contexto educacional.

A inserção das TIC e o novo perfil do docente

Ao contextualizar impactos das transformações da globalização no âmbito profissional, Machado (1994) afirma que as práticas anteriormente lineares, segmentadas e padronizadas passam a ser ressignificadas para serem marcadas pela flexibilidade e integração. No âmbito educacional, esse processo implica na passagem de um paradigma tradicional para um paradigma emergente ou ecossistêmico, mais compatível com uma

realidade que emerge “[...] como unidade global, complexa, integrada por fatos, situações, contextos, pessoas, valores socioculturais, etc [...]” (MORAES, 2004, p. 21). É nesse contexto que as TIC assumem uma posição de destaque por oferecer recursos que colaboram para essa flexibilidade e integração. Essa possibilidade precisa ser acompanhada por um processo de formação docente que colabore na inserção das TIC na educação e estimule uma exploração consciente e ampla dos recursos disponibilizados, caso contrário modificam-se os recursos, mas as práticas efetivadas permanecem desatualizadas.

Como limites para esse processo formativo, Stahl (1997) indica, entre outros, a escassez no investimento para a aquisição de recursos tecnológicos, a rejeição às TIC, expressada pela dificuldade de superar preconceitos e práticas tradicionais. Em contrapartida, “É inegável que as tecnologias, através principalmente dos computadores e da internet, apresentaram novos direcionamentos para a cultura, comunicação e educação.” (NOGUEIRA et al, 2013, p. 2), requisitando docentes com um novo perfil (SILVA, 2012).

Essa necessidade é reforçada quando são observadas as características que a educação vem assumindo no decorrer dos últimos anos, já visualizadas por Bruner (2001) quando afirmou que a educação do futuro apresentaria condições, tais como: a escola deixa de ser o único canal com o qual as novas gerações entram em contato com o conhecimento; o conhecimento deixa de ser lento, escasso e estável; a realidade globalizada requisita uma nova proposta formativa.

Cebrián (2000) caracteriza o novo perfil docente que vem sendo requisitado em função das mudanças na sociedade, afirmando que ele se configurará como um assessor e guia da autoaprendizagem, um motivador e facilitador de recursos, um criador de novos entornos de aprendizagem mediados pelas TIC, um adaptador e produtor de materiais em diferentes suportes e um avaliador dos processos que se produzem nesses novos entornos e recursos. Além disso, se destaca pela autoaprendizagem permanente e sustentada pelas TIC.

A inserção das TIC na educação requisita ao docente a necessidade de se apropriar da tecnologia, introduzindo-a na sala de aula na mesma proporção que “[...] um dia, introduziu o primeiro livro numa escola e teve de começar a lidar de modo diferente com o conhecimento [...]”. (GOUVÊA, 1999, p. 52). Esse profissional vivencia, portanto, um novo desafio, mas também tem à sua disposição uma infinidade de possibilidades para dinamizar o ensino e torná-lo compatível com as necessidades dos estudantes e das demandas do entorno.

Incluir na era digital

Os sistemas computacionais apresentam, atualmente, diversos recursos de multimídia, envolvendo animação, sons e imagens, que possibilitam a apresentação da informação de um modo que jamais o professor tradicional, ou seja, aquele que ainda se limita ao quadro negro e giz, poderia proporcionar. Isso pode contribuir para tornar a aula mais agradável, dinâmica e produtiva.

Exige-se, nesse ínterim, um profissional crítico, criativo, com capacidade de pensar, de aprender a aprender, de trabalhar em equipe e conhecer o seu potencial intelectual. Além dessas condições, exige-se um profissional com capacidade de constante aprimoramento e criação de ideias e ações.

Em contrapartida, existem softwares que oferecem condições para o aluno resolver problemas ou realizar tarefas como desenhar, escrever, etc. Podemos citar o Excel, por exemplo, que é um programa excelente para cálculos e formação de resultados e os programas para elaboração de formulários *online*. O uso desses recursos pode estimular que o estudante crie e apresente propostas, fomentando sua capacidade para desenvolver e solucionar problemas.

Quando o aluno usa o computador para construir o seu conhecimento, o computador passa a ser uma máquina para ser ensinada, propiciando condições para o aluno descrever a resolução de problemas, usando linguagens de programação, refletir sobre os resultados obtidos e depurar suas idéias por intermédio da busca de novos conteúdos e novas estratégias. Nesse caso, o software utilizado pode ser os softwares abertos de uso geral, como as linguagens de programação, sistemas de autoria de multimídia, ou aplicativos como processadores de texto, software para criação e manutenção de banco de dados. Em todos esses casos, o aluno usa o computador para resolver problemas ou realizar tarefas como desenhar, escrever, calcular, etc.. A construção do conhecimento advém do fato de o aluno ter que buscar novos conteúdos e estratégias para incrementar o nível de conhecimento que já dispõe sobre o assunto que está sendo tratado via computador. (VALENTE, 1999, p. 2).

Para ‘ensinar’ o computador a realizar uma determinada tarefa, o estudante precisa utilizar-se de conteúdos e estratégias, pois a interação com o computador, por meio da programação, requer a descrição de uma ideia em termos de uma linguagem formal e precisa, já que a máquina executa a descrição fornecida e o resultado obtido vai ser o que foi solicitado. Nesse ínterim, o estudante estará criando suas próprias soluções, pensando e aprendendo sobre como buscar e usar novas informações.

Inclusão digital, portanto, não se restringe à disponibilização de computadores para que os estudantes possam simplesmente passar um tempo de lazer ou em forma de

gratificação por algum trabalho realizado. A ideia é bem maior do que isso, diz respeito ao sentido de educar, utilizá-lo para uma melhoria do conhecimento e da formação integral, sendo aproveitados nos trabalhos realizados dentro e fora da sala de aula.

É nesse sentido que é indispensável tecer críticas em relação “[...] ao uso dos computadores no ambiente escolar, ou fora desse, para que seja possível aproveitar o melhor dessas máquinas sem incorrer no vultoso erro de subestimá-las [...]” Isso significa não desperdiçar recursos ou atribuir-lhes papéis miraculosos, superestimando-os (COX, 2003, p. 11).

Para quem educa, já não há novidade em dizer que, mudando o formato de disponibilização da informação (antes com papel e caneta), mudam as formas de sentir, perceber o mundo e de construir o conhecimento e a cultura. Isso acontece não é apenas no Ensino Fundamental, mas também com alunos da EJA ou PROEJA. Quando mudamos nossos métodos de ensino e inserimos novos recursos tecnológicos, estimulamos nos estudantes o querer aprender, buscar o novo e diferente, sem subestimar as construções realizadas até o presente.

As novas tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagem ricas, complexas, diversificadas, por meio de uma divisão de trabalho que não faz mais com que todo o investimento repouse sobre o professor, uma vez que tanto a informação quanto a dimensão interativa são assumidas pelos produtores dos instrumentos. (PERRENOUD, 2000, p. 139).

Nossa vida acontece um novo tempo, a que muitos chamam de pós-modernidade; uma época em que predomina a técnica e em que a realidade se torna cada vez menos material e mais virtual, permanecendo a cada um se adequar. Nosso desafio é pensar profundamente as questões ligadas às mudanças relacionadas com a cultura digital, sobretudo, em seu impacto sobre a infância e a juventude, segmentos privilegiados da educação.

Com as inovações tecnológicas, o mundo de crianças e jovens torna-se cada vez mais diferenciado do mundo do adulto, ao menos, daqueles adultos que somos hoje, já que não tivemos tanto acesso as essas informações. A inserção de computadores na sala de aula abre novas possibilidades de aprendizado dos estudantes e até uma melhoria no trabalho do docente. Para Papert (1994, p. 6) “A mesma revolução tecnológica que foi responsável pela forte necessidade de aprender melhor oferece também os meios para adotar ações eficazes [...]” Nesse processo “[...] As tecnologias de informação, desde a televisão até os

computadores e todas as suas combinações, abrem oportunidades sem precedentes para a ação a fim de melhorar a qualidade do ambiente de aprendizagem [...].”

Pensar a inclusão digital significa, enfim, impregnar de humanidade as coisas, a técnica e a tecnologia. A educação e a escola ainda são locais comprometidos em ser espaço de todos e para todos. Serão mais capazes de incluir quanto mais aberto forem os espaços para a diversidade de modo de pensar, de conhecer, de agir e de se relacionar. (OLIVEIRA, 2011 p.16).

Sem dúvida, tratar do tema inclusão digital implica, primeiramente, considerar a questão de políticas educacionais que garantam o direito de acesso às tecnologias e a experiências pedagógicas que promovam a capacidade de interlocução crítica e qualificada pelas vias da comunicação e informação. O desafio educacional mais importante, talvez seja o de recuperar humano existente dentro de cada num mundo que tem se tornado densamente técnico, extremamente povoado por coisas e processos desumanizantes, em que as pessoas e a vida são rapidamente transformadas em mercadorias.

Metodologia

Para realização deste estudo, optou-se pela pesquisa exploratória e pelas abordagens quantitativa e qualitativa. De acordo com Silva et al. (2008), a pesquisa qualitativa estuda os sujeitos, grupos e sociedades de maneira contextualizada, tendo como finalidade a interpretação dos significados de ações humanas, valores, crenças, mitos construídos culturalmente.

Para coleta de dados foi estabelecido o contato com a direção das escolas que trabalha com o Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) vislumbrando a autorização, mediante a apresentação da proposta de pesquisa e da carta de apresentação dada pela Instituição de Ensino Superior. A partir da autorização concedida pelas escolas, foi solicitado que os docentes participassem respondendo a um questionário.

A pesquisa seguiu cuidados éticos, de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional, que estabelece a total integridade dos participantes da pesquisa. Neste caso, significa na participação voluntária e anônima, preservando a identidade e qualquer risco físico e psicológico aos mesmos, juntamente com a total liberdade de recusar e/ou abandonar a participação no processo de aplicação dos instrumentos de investigação.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário elaborado pelo pesquisador, contendo nove questões objetivas, complementadas por espaços para a apresentação de

opiniões, contextualização de condições e outros aspectos. Além de situar a existência de equipamentos, o questionário buscou informações sobre a frequência e a intencionalidade do uso das TIC.

Para este estudo, os docentes participantes foram aqueles que trabalham diretamente na EJA ou PROEJA do município de São Miguel do Oeste. Os questionários foram realizados com cinco professores, em função das dificuldades de aplicar para um número mais amplo. Destaca-se que são aproximadamente 16 professores que atuam na EJA, sendo que esse número pode ter mudanças a cada semestre, já que algumas disciplinas se encerram e novas iniciam. Já no PROEJA temos 18 professores obtendo-se, portanto, 14% de participação.

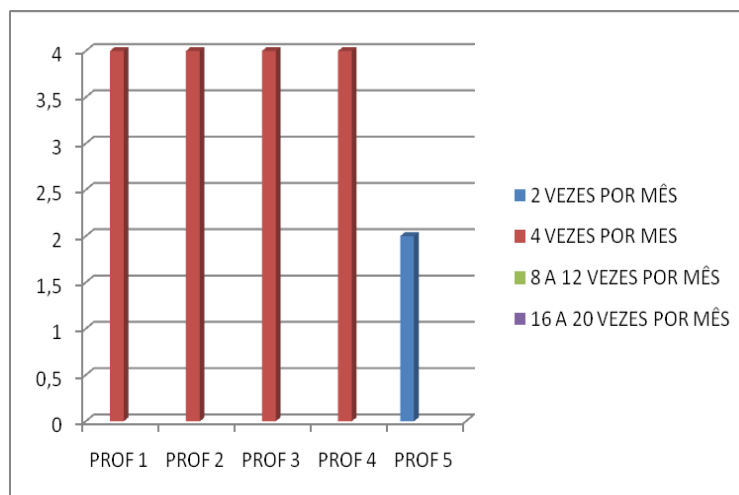
Resultados e discussão

Em todos os questionários aplicados, pode-se perceber que os docentes possuem mais de três anos de experiência com turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA/PROEJA), e em conversas realizadas com eles no momento da entrega do questionário, percebeu-se que gostam do seu trabalho e sentem-se realizados com esses alunos. Na sequência são sistematizados os principais resultados obtidos por meio dessa aplicação.

- Disponibilidade de equipamentos e frequência de uso

Os resultados da pesquisa indicam que as duas instituições da pesquisa possuem laboratório de informática e que todos docentes fazem uso desses espaços, ainda que de forma limitada durante cada mês letivo.

Gráfico 1 - Frequência mensal que os professores utilizam o laboratório de informática



Fonte: Pesquisador

- Intencionalidade no uso

Ao serem questionados se entendem que os computadores podem auxiliar no processo de aprendizagem dos seus alunos, percebeu-se que os docentes acreditam que as tecnologias sejam um instrumento que desafiam os estudantes e os docentes, porém, são os docentes que ainda mais resistem às TIC e, por isso, deixam de vivenciar essas experiências com os estudantes.

Nos momentos de uso, os trabalhos realizados começam a ser desenvolvidos e elaborados em sala de aula, depois se define o que vai pesquisar, para então se encaminharem ao laboratório, como o propósito de realizar as pesquisas ou digitação de textos.

- Avanços tecnológicos e seus benefícios

Os docentes questionados acreditam e estão cientes das mudanças tecnológicas no mundo de hoje. Uma das pesquisadas relatou que “[...] está difícil acompanhar esses avanços, quando você acha que descobriu algo novo, seus alunos já estão com novidades que nós ainda não conhecemos [...]” (S1). Contudo, os docentes acreditam que o uso dos computadores passa a ser fundamental nos dias de hoje, sendo que quando os estudantes trocam os livros pelas tecnologias, “[...] precisamos acompanhá-los se quisermos que eles venham a aprender o que tentamos ensinar” (S2), relata outra docente.

- Problemas enfrentados pelos docentes

Docentes relatam que ainda existem problemas ao usar os computadores nas escolas já que a internet é lenta, ou ainda os próprios professores não sabem muito manusear os computadores, não podendo auxiliar os estudantes em todas as situações. Destes, dois ainda relatam sobre necessidade de possuir algum professor da área de informática para ajudar nesses momentos.

A falta de acesso é outro fator relevante. Um dos docentes relata que no Estado “[...] já foram disponibilizados *notebooks* para os professores, mas alguns não sabem como utilizá-los ou ainda alguns aparelhos vieram com problemas técnicos, passando muito tempo no conserto.”

Outro professor relata que passam muito tempo em sala de aula. O pouco tempo que resta é usado na correção de provas, trabalhos e para planejar as aulas, não tendo como se dedicar para ter um conhecimento maior em relação ao uso de computadores.

Ainda que as considerações dos sujeitos pesquisados apontem para limitações em relação à inserção das TIC no ensino da EJA e do PROEJA, a persistência dos docentes é fundamental para explorar os recursos disponíveis e suscitar a necessidade de ampliar a formação e melhorar a infraestrutura. Mesmo que apenas uma vez ou menos na semana os docentes trabalhem nos laboratórios de informática, é possível ampliar esse uso, tornando-o rotineiro, especialmente, quando os professores que ainda não utilizam percebem sua relevância para a aprendizagem.

Dos docentes entrevistados, um deles falou sobre a importância de ser realizada uma formação, pois existem aqueles que não sabem fazer o uso de computadores. “São pessoas que pararam no tempo, não buscaram melhorar seus aprendizados e preferem ficar na monotonia do quadro negro e giz” (S3), relata o docente pesquisado.

Valente (2003) acredita que, para implantar as transformações pedagógicas na formação de docente, é necessário superar as dificuldades em relação ao domínio do computador e ao conteúdo que o docente ministra, porque os avanços tecnológicos têm provocado desequilíbrio e uma confusão no processo de formação, tornando o professor um eterno ‘principiante’ em relação ao uso do computador.

Se quisermos melhorar a forma de ensinar nossos estudantes, precisamos iniciar por nós mesmos, mudar nossa forma de pensar, de agir e mostrar novas alternativas. Nesse processo, cabe aos sistemas públicos, gestores, docentes propor alternativa, oferecendo possibilidades para reencantar a educação, já que a rotina acaba por afastá-los da escola.

É na busca permanente por alternativas e melhorias no formato de ensinar os nossos estudantes que a educação pode ser melhorada. Precisamos, com tanto avanço tecnológico, mudar a forma de pensar e agir para que os estudantes sintam prazer em ir para à escola todos os dias.

Considerações finais

Este estudo buscou avaliar a utilização das TIC na EJA e PROEJA, observando a frequência que os laboratórios de informática são utilizados, qual a forma que os docentes as utilizam e se estão sendo aproveitados para contribuir com o estudo e aprendizado. Percebeu-se que as duas escolas pesquisadas possuem laboratório e em bom estado para uso, o que acontece é que alguns professores ainda se sentem inseguros, pois não possuem muito conhecimento com computadores e têm certo receio de não poder contribuir da maneira adequada os seus alunos.

Em relação a essa situação, é fundamental investimentos em formações para os docentes, estimulando o domínio de habilidades indispensáveis para o uso das TIC e de competências para aproveitar as possibilidades que oferecem. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de contribuir para que os docentes planejem o semestre letivo, incorporando o máximo de recursos tecnológicos possíveis.

Além disso, os avanços das TIC suscitam políticas de investimento na atualização de equipamentos para que os estudantes possam usufruir de recursos iguais aos disponibilizados em países que se comprometem com uma educação de qualidade. Sem avanços nessas condições, as escolas poderão ser consideradas cada vez mais desatualizadas, já que muitos dos próprios estudantes têm acesso às tecnologias inexistentes no contexto escolar.

Referências

- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 9/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 18 comunicação e Informação. **Holos**, v. 21, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- CEBRIÁN, Manuel. Las redes y la mejora del practicum en la formación inicial de maestros. **Revista de medios y educación**, n. 14, 2000. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1399803>>. Acesso em: 27 mar. 2015.
- CORRÊA, Rafaela. **A educação e a tecnologia**. [S. l.]: PROINFO, 2010. Disponível em: <<http://cursistaproinfo.blogspot.com.br/2010/07/educacao-e-tecnologia.htm>>. Acesso em: 07 de Ago. 2014.
- COX, Kenia Codel. **Informática na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- GOUVÊA, Sylvia Figueiredo. Os caminhos do professor na Era da Tecnologia. **Revista de Educação e Informática**, a. 9, n. 13, abr., 1999.
- KALINKE, Marco Aurélio. **Para não ser um professor do século passado**. Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.
- LÉVY, P. **A Máquina Universo: criação, cognição e cultura informática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e Novas Tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.
- MORAES, Maria Cândida. **Subsídios para Fundamentação do Programa Nacional de Informática na Educação**. Brasília: Ministério de Educação e Cultura - Secretaria de Educação à Distância, 1997.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

OLIVEIRA, Élson José de. **Dificuldades de aprendizagem no processo de ensino aprendizagem: uma reflexão**. [S. l.]: Brasnorte, 2011. Disponível em: http://www.biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia_20130823162715.pdf.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VALENTE, José Armando. **O Computador na Sociedade do Conhecimento**. Campinas, UNICAMP/NIED, 1999.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Laura; NORONHA, Olinda Maria. **História da educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

ⁱ **Carla Adriane Ritter**

Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC

Formação: Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA

Contato:

Trabalho de Curso orientado por Marlene Zwierewicz, Dra.